



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA - LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

GELIANE SOUZA DOS SANTOS

A DISTOPIA NA OBRA “O CONTO DA AIA”

Itaituba - PA

2020

GELIANE SOUZA DOS SANTOS

A DISTOPIA NA OBRA "O CONTO DA AIA"

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras
da Faculdade de Itaituba-FAI.

Orientadora: Dr^a Djalmira de Sá Almeida Barros

Itaituba - PA, 15 de Maio de 2020.

GELIANE SOUZA DOS SANTOS

A DISTOPIA NA OBRA “O CONTO DA AIA”

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras
da Faculdade de Itaituba-FAI.

Orientadora: Dr^a. Djalmira de Sá Almeida Barros.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____
Prof.^a Djalmira de Sá Almeida Barros, Doutora.

Avaliador: _____ Nota: _____
Prof.^a Mara Aparecida do Nascimento, Especialista.

Avaliador: _____ Nota: _____
Prof.^a Maria Danielle Lobato Paes, Especialista.

Resultado: _____ Média: _____

Data: 19 de março de 2020.

*Para o meu pai, que pedalava
pelos meus sonhos.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por terem sempre lutado para que nada me faltasse e por serem meu porto seguro. Amo-os mil milhões!

Aos meus irmãos que souberam compreender (algumas vezes) a necessidade de me deixar em paz quando eu precisava estudar.

A professora Dra. Djalмира, por me orientar durante esse processo.

A todos os amigos que fiz durante esses quatro anos na FAI que me permitiram vivenciar esse momento da melhor forma possível.

A todos os meus colegas de turma, que me ajudaram de inúmeras formas, em especial Drikka, Day, Rod, e Ally, que foram por muitas vezes meu socorro. Obrigada!

A professora Danielle, pelas valiosas contribuições e meu maior incentivo no mundo da pesquisa, afinal, "quem não é visto, não é lembrado".

A Faculdade de Itaituba, por me dar espaço para crescer, e a todos os professores que me orientaram durante a graduação.

A todos meu muito obrigada!

Nolite te bastardes carborundorum.
Margaret Atwood, The Handmaid's

Tale

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) buscou direcionar um olhar para a distopia considerando seus conceitos e elementos constitutivos na literatura a partir da obra "O Conto da Aia", da escritora canadense Margaret Atwood. A exploração do tema também visa apresentar as principais características desse fenômeno na literatura, mostrar, através da análise interpretativa do tema, do assunto e da mensagem do livro escolhido, sua atualidade e, consecutivamente, a relevância deste tipo de leitura, enquanto potencialidade que ajuda o leitor a desenvolver senso mais crítico sobre o mundo em que vive, de modo que estimule pesquisas futuras com as mesmas perspectivas. Em relação aos procedimentos metodológicos, trata-se de um estudo qualitativo baseado na metodologia de pesquisa bibliográfica, que primeiramente presumiu levantamento bibliográfico sobre literatura e distopia, para que posteriormente, frente à análise do conteúdo do livro mencionado fosse possível identificar esse fenômeno na narrativa, e com base na análise de somente três elementos de sua narrativa: a temática, o assunto e a mensagem, apresentar a sua importância e consecutivamente a relevância do gênero proposto. Dessa forma, diante da análise do romance foi possível identificar o fenômeno distópico na narrativa e também mostrar as suas temáticas problematizadas, constatando-se assim, a efetividade da verossimilhança com o cotidiano. Ainda, a partir da análise do livro, pode se perceber que as temáticas do gênero distópico costumam ser atemporais e verossímeis com a realidade, por isso aponta-se o gênero como uma ferramenta instigante que faz pensar e refletir, logo necessário e relevante.

Palavras-chave: Literatura. Gênero Literário. O Romance. Distopia. O Conto da Aia. Negação da realidade.

ABSTRACT

The present Course Conclusion Work (TCC) sought to direct a look at dystopia considering its concepts and constitutive elements in literature from the work "The Tale of Aia", by the Canadian writer Margaret Atwood. The exploration of the theme also aims to present the main characteristics of this phenomenon in the literature, to show, through the interpretative analysis of the theme, the subject and the message of the chosen book, its actuality and, consecutively, the relevance of this type of reading, as a potential that helps the reader to develop a more critical sense about the world in which he lives, so that it stimulates future research with the same perspectives. Regarding methodological procedures, this is a qualitative study based on the bibliographic research methodology, which first assumed a bibliographic survey on literature and dystopia, so that later, in view of the analysis of the content of the mentioned book, it was possible to identify this phenomenon in the narrative and analyze its importance and consecutively the relevance of the proposed genre, privileging only three elements of its narrative: the theme, the subject and the message. Thus, in view of the analysis of the novel, it was possible to identify the dystopian phenomenon in the narrative and also to show its problematized themes, thus verifying the effectiveness of likelihood with daily life. Also, from the analysis of the book, it can be perceived that the themes of the dystopian genre are usually timeless and bereaved with reality, so it is pointed out the genre as an instigating tool that makes thinking and reflecting, soon necessary and relevant.

Keywords: Literature. Literary Genre. Romance. Dystopia. The Handmaid's Tale.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE LITERATURA	11
2.2 GÊNEROS LITERÁRIOS	14
2.3 O GÊNERO ROMANCE	16
2.4 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO SENSO CRÍTICO	17
2.5 O GÊNERO DISTÓPICO	19
3 METODOLOGIA	26
3.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS GERAIS	26
3.1.2 Questões de análise do objeto de pesquisa	27
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	28
4.1 A AUTORA, A OBRA E SEUS CONTEXTOS	28
4.2 O FENÔMENO DISTÓPICO NO ROMANCE "O CONTO DA AIA"	31
4.3 IMPORTÂNCIA DA OBRA. AFINAL, POR QUE LER DISTOPIAS?	35
5 CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

A literatura é um dos meios que os homens fazem uso para externar as suas aflições, seja por meio da sua produção ou por meio de seu consumo. Portanto, não é de estranhar que, ao longo do tempo, tenham surgido narrativas que exploram muitas das dúvidas humanas, como por exemplo, o sentido da vida ou a imprevisibilidade do futuro.

Essa literatura de cunho ficcional apresenta infinitas possibilidades de criação dentro do universo literário. Existem, portanto, centenas de gêneros e subgêneros, como a fantástica, chick-lit, distópica, ficção científica, entre outros. Cada um com características e elementos definidores, havendo a necessidade de explorá-los de forma mais particularizada e específica para promovê-los e facilitar o seu acesso.

A propósito, quanto mais informação se promove sobre determinado assunto, mais chance há desse conhecimento chegar àqueles que possuem interesse pela leitura Literária, seja para uso na formação de leitores, professores de Literatura que precisam conhecer os vários gêneros da arte literária, ou simplesmente leitores interessados em conhecer outros tipos de universos ficcionais.

Por esse motivo, o presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) objetivou direcionar um olhar para o gênero distópico, que é relativamente jovem, considerando seus conceitos e elementos constitutivos a partir da obra “O Conto da Aia”, da escritora Canadense Margaret Atwood, visando ajudar na visibilidade e ampliação de conhecimentos não somente com relação ao referido livro, mas também do gênero proposto.

Especificamente buscou-se apresentar as principais características da distopia na Literatura; identificar e analisar os traços distópicos presentes na obra “O Conto da Aia”; mostrar, por meio da análise interpretativa do tema, do assunto e da mensagem do livro a sua atualidade e consecutivamente a relevância desse tipo de leitura; visando também, estimular futuras pesquisas com as mesmas perspectivas.

Dessa forma, essa pesquisa se propôs a responder os seguintes questionamentos:

1. Como o fenômeno distópico se manifesta na literatura?
2. Como a distopia se apresenta na obra “O Conto da Aia”?
3. Qual a relevância desse livro para a atualidade?
4. Afinal, por que ler distopia?

Referente aos procedimentos metodológicos trata-se de um estudo de abordagem qualitativa realizada mediante a metodologia da pesquisa bibliográfica que presumiu primeiramente levantamento bibliográfico sobre literatura e distopia embasado principalmente nos autores Tavares (2002), Cândido (2012), Zilberman (2008), Marques e Pereira (2017), Berriel (2005), Kopp (2011), Hilário (2013), Figueiredo (2009), entre outros. Para que frente à análise do conteúdo do livro mencionado fosse possível identificar esse fenômeno na narrativa e, por meio da análise interpretativa da sua temática, assunto e mensagem fosse analisado a sua atualidade e consecutivamente a relevância desse tipo de leitura.

Para efeitos de organização, este trabalho está dividido em cinco sessões. A primeira composta pela introdução; a segunda formada pela fundamentação teórica, abordando e conceituando literatura e distopia; na sequência os procedimentos metodológicos da pesquisa, o resultado e discussões e por fim, o referencial usado na pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE LITERATURA

Apesar de haverem muitas discussões, conceituar literatura não é uma tarefa fácil e ainda há um longo caminho a se percorrer quando se trata de dar uma definição concreta do termo, porque existem várias noções e perspectivas sobre o assunto. De acordo com o que se encontra no Dicionário Aurélio Ferreira (2001, p. 429) "**Li-te-ra-tu-ra**_{sf.} 1. Arte de compor trabalhos artísticos em prosa ou verso. 2. Um conjunto de trabalhos literários de um país ou de uma época."

Sob esse viés, tem-se a Literatura como algo simplória sem grandes desdobramentos, entretanto para estudiosos de literatura, é algo muito mais complexo do que a definição dicionarizada. Nesse contexto, destaca-se Tavares (2002), o qual apresenta em "Teoria Literária", Literatura no seu sentido amplo designando "toda e qualquer manifestação do sentimento ou pensamento por meio da palavra" (TAVARES, 2002, p.32).

Partem desse conceito os diversos usos da palavra na sociedade, como por exemplo, relacionado à arte de escrever; obras que possuem afinidade entre si, como em Literatura Brasileira, que é um conjunto de obras relacionadas à patrimonialidade; ou especificando área de conhecimento, como na literatura médica ou jurídica, entre outros.

Nessa perspectiva, tudo o que é mediado pela palavra expressa e manifesta o homem em sociedade, seja de forma individual ou coletiva, desde os conhecimentos, saberes e cultura, como um simples dicionário, um manual de orientação ou um livro de autoajuda se enquadram no perfil do que seja Literatura.

No sentido mais restrito, ainda segundo Tavares (2002, p.34), Literatura como arte literária pode ser conceituada como "a ficção ou criação de uma supra realidade pela intuição do artista, mediante a palavra expressivamente estilizada". A arte literária possui alguns elementos próprios, como por exemplo, a estética e a percepção que são relacionadas ao valor significativo do uso da palavra.

Literatura é, portanto, segundo a perspectiva do autor citado anteriormente, a criação que desvela como escritor percebe o mundo, não necessariamente mostrando a realidade, mas a impressão, sensibilidade e a capacidade do mesmo de criar, por meio da palavra e de forma singular, outras realidades.

Para Azevedo (2004), essa literatura de cunho estético e ficcional mostra a forma como o escritor percebe o mundo, e oportuniza ao leitor a vivência em situações e conceitos que pouco é discutido fora da esfera literária.

Quais são eles? Entre outros: as paixões e as emoções humanas; a busca do autoconhecimento; a tentativa de compreender nossa identidade (quem somos); a construção da voz pessoal; as inúmeras dificuldades em interpretar o Outro; as utopias individuais; as utopias coletivas; a mortalidade; a sexualidade (não me refiro à educação sexual, mas à relação sexo-afetiva essencialmente subjetiva, corporal e emocional); a sempre complicada distinção entre a "realidade" e a "fantasia"; a temporalidade e a efemeridade (por exemplo, o envelhecimento e suas implicações); as inúmeras e intrincadas questões éticas; a existência de diferentes pontos de vista válidos sobre um mesmo assunto etc (AZEVEDO, 2004, p.4).

Esse tipo de Literatura oportuniza vivências em períodos e situações distintas e inimagináveis, e mesmo que se pareça irreal, problematiza o homem em seus aspectos sociais ou psicológicos, de forma que engradece o ser humano no seu processo de busca ao autoconhecimento, pois assim como as demais literaturas, essa também tem o poder de fazer com que o sujeito consiga pensar, repensar e ampliar sua perspectiva de mundo.

Para Rosenfeld (1976), por meio da literatura, o indivíduo vive uma experiência intensa, pois se insere no universo tanto de forma distante, como indivíduo leitor, e próximo ao experimentar a condição como alguém que vive nesse universo. E dessa conciliação surge um conhecimento único, capaz de ampliar e enriquecer o modo de perceber a realidade, pois o que torna essa experiência prazerosa e possível é a "validade" de uma interpretação profunda da realidade tornada em experiência e não a "verdade" do discurso.

Em outras palavras, durante a leitura o leitor transporta-se para o mundo fictício. E nesse cenário ele vive a experiência como alguém inserido naquele universo. Contudo, isso ocorre ao nível mental e imaginário, ele não está lá de forma corpórea. Sua materialização continua a existir no mundo "real", bem como a sua consciência. Por isso, ele tem uma percepção abrangente da situação vivida, pois mantém relação de distanciamento e aproximação com o conteúdo da obra.

Cândido (2012), em uma palestra sobre a Literatura e a formação do homem, apoia a função humanizadora da Literatura, "isto é, sobre a capacidade que ela tem de confirmar a humanidade do homem", em suma, a capacidade de o homem

produzir literatura e ser formado por ela. O autor apresenta alguns desdobramentos da função humanizadora, a começar pela função psicológica.

Para ele, o ser humano tem anseio pelo transcendental, pela fantasia e pela imaginação e, é mediante a literatura que essa carência é suprida, seja por meio de uma simples anedota ou algo mais elaborado como as narrativas populares, lendas, mitos, etc. Além disso, a fantasia parte da realidade, pois fala sobre aspectos reais do mundo do homem, referenciando algum aspecto de ordem social, psicológica ou ambiental, entre outros, portanto, mostrando, dessa forma, a relação entre a ficção e a realidade.

Ainda segundo Cândido (2012) a obra literária, também tem uma função formativa e age no inconsciente, contribuindo na formação da personalidade e identidade do indivíduo. Além disso, uma obra literária também tem a função de representar o mundo. Não necessariamente apresentar o mundo como ele é, mas mostrar uma dada realidade humana.

Também, como descrito por Wojciekowski (2009, p.119), a Literatura é “quem, no final das contas, cria e recria o mundo; é ela quem também tem como uma de suas funções discutir esse mundo”. Portanto, possui importância para a compreensão dos desejos e medos de uma sociedade, pois ela está ligada à época em que é produzida, encontrando-se nela o que se repercutia de realidade no período.

Para compreender a obra literária faz-se necessário que se conheça o contexto histórico e social do período em que a mesma foi escrita, pois tudo o que se escreve parte das vivências do escritor, já que a matéria prima da escrita é justamente a realidade, tendo como embasamento as experiências, leituras e conhecimento de mundo dele.

Dessa forma, toda história fictícia ou não marca a presença da época em que foi escrita. Ainda o leitor tem toda a liberdade de interpretar e tirar suas próprias conclusões, pois o sentido de uma narrativa não se restringe ao texto, mas o significado que o leitor dá aquilo que está sendo consumido.

Portanto, a Literatura é o meio em que se pode discutir e problematizar o homem. Além disso, ao inserir o leitor em universos distintos, consegue, através das palavras, torná-lo mais consciente de sua realidade, visto que a Literatura não só apresenta as potencialidades humanas como também problemas sociais que o cercam.

2.2 GÊNEROS LITERÁRIOS

Ao longo do tempo o estudo dos gêneros literários sempre foi motivo de curiosidade. A história é longa e tem origens na Antiguidade com as reflexões de figuras como Platão e Aristóteles. De forma sucinta, ao longo do tempo tais questões sofreram mudanças, chegando ao contemporâneo, onde de fato se encontram maiores perspectivas acerca do fazer literário.

De acordo com Rosenfeld (2002), os estudos clássicos são a base para a compreensão a partir da "teoria dos três gêneros": lírico, épico e dramático, que são categorias fundamentadas principalmente por Aristóteles a partir dos estudos de seu mestre, Platão.

Essas acepções se confundem e coincidem entre si, surgindo assim dúvidas de como enquadrá-las, o que atesta mais uma vez como tal classificação é superficial e não abrange a totalidade do fato literário. Contudo "não diminuem, porém, a necessidade de estabelecê-las para organizar, em linhas gerais, a multiplicidade dos fenômenos literários e comparar obras dentro de um contexto de tradição e renovação" (ROSENFELD, 2002, p. 18).

Classificar é uma necessidade da ciência que visa à ordenação dos diversos fenômenos, e na Literatura não seria diferente, embora, segundo o autor, essa categorização pareça ser superficial e também complicada, porque tais gêneros, tidos como elementares, possuem acepções que remontam tanto a estrutura quanto ao estético e estilístico.

De acordo com Tavares (2002), o gênero literário é a categorização das obras que levam em conta os elementos forma, conteúdo e composição, os quais ao se combinarem, formam os gêneros fundamentais: Lírico, narrativo e dramático, que provém da classificação clássica e são formas tradicionais de representar o que há de elementar na literatura.

Não há uma definição unânime entre os estudiosos a respeito do gênero, contudo, de forma geral, pode-se dizer que "gêneros são as diversas modalidades da expressão literária" (TAVARES, 2002, p. 113). Além disso, há os subgêneros, que são uma subclassificação dos gêneros.

Sobre esse ponto, é importante dizer que mesmo enquadrado em uma categorização, uma obra geralmente não se restringe a somente um gênero, mas

como há aquele que há maior predominância, e neste último elemento que costuma ser identificada. Então, como classificar uma obra literária?

Uma obra pode ser classificada de acordo com os seguintes princípios: gêneros (funções), forma, conteúdo, composição, espécies e formas poéticas. O autor propõe uma classificação com base nos gêneros fundamentais, como o lírico, o dramático ou teatral, épico ou narrativo; e como gêneros especiais, como o satírico e humorístico, oratório, epistolar e didático (TAVARES, 2002).

De acordo com Kempiska e Souza (2012), os gêneros literários são uma organização dos vários textos existente em agrupamentos menores, de forma que se facilita o acesso a eles, pois age como um guia que o leitor pode usar para facilitar sua busca.

[...] Essa ordenação, [...] revela-se extremamente prática para nós os leitores, pois orienta e facilita consideravelmente a nossa busca [...] De fato, se o universo dos textos é imenso, torna-se necessário algum modo de organização que possa permitir ao leitor uma certa pré-compreensão deste universo ou servir como uma espécie de guia para ele (KEMPISKA; SOUZA, 2012, p. 8).

Os gêneros literários são uma forma de organizar as obras, uma espécie de categorização que facilita o acesso do leitor e também o trabalho de estudiosos de Literatura. Essas classificações são feitas de acordo com critérios e um dos mais usados quando se trata de livros é a relação ficcional e não ficcional a partir deles, vários subgêneros surgem.

Como o foco do trabalho é o tipo narrativo, que é o que tem como método a narração, e principalmente o que apresenta como forma a prosa ficcional, a discussão será pautada essencialmente sobre ele. Segundo Kaio Gabriel (2017), do **site Ficcionados**, as obras, especialmente do gênero Narrativo, podem ser classificadas de acordo com o tom, realidade e valores apresentados. Essa classificação não é absoluta, contudo pode ser usada como uma base para compreender como funciona a categorização.

Quanto ao tom, o gênero narrativo pode se apresentar de forma dramática, comédia e documentário. Quanto à realidade, que diz respeito ao quão ficcional uma história se mostra, pode-se falar em gêneros como factualismo, que são histórias reais; o gênero realismo, que são histórias criadas, mas que poderia ter ocorrido de fato; a ficção científica que possui vários subgêneros, como o *Steampunk*,

cyberpunk, apocalíptica, pós-apocalíptica, space opera; e o gênero fantasia, que por sua vez, também tem várias subclassificações.

Também podem ser classificadas quanto aos valores, “que é mais popularmente conhecido como gênero. Essa categoria é relacionada com os valores que são colocados em risco durante a história”, como ação e aventura, terror, crime, suspense, guerra, sociedade.

Enfim, as obras literárias apresentam características de mais de um gênero, o que, geralmente, gera confusão, pois a mesma acaba por ser enquadrada em mais de um. Entretanto, a classificação parte do princípio de elementos e conceitos comuns partilhados entre obras, sendo importante para a compreensão do fazer literário, uma vez que existem infinitos tipos de narração.

2.3 O GÊNERO ROMANCE

O Contar faz parte da história da humanidade desde os primórdios quando os primeiros homens começaram a pintar nas rochas acontecimentos diários, e juntamente com o ouvir, o ler histórias é uma das atividades inerentes do homem (MESQUITA, 2003). Essa é uma ação corriqueira no dia a dia e equivale a narrar um acontecimento ou um fato vivenciado ou não, contudo é importante frisar que narração não equivale à narrativa, embora sejam usadas com o mesmo sentido.

Para Gancho (2003) a narração é a atividade de contar algo, é transmitir uma determinada ação, em que há pessoas que agem nessa ação e que estão inseridas dentro de um determinado espaço e tempo, ou seja, a narração é a tipologia textual, já a narrativa refere-se ao texto de ficção, que por sua vez é a história, o universo que surge pelo texto.

O gênero narrativo tem como gêneros mais conhecidos o **conto** e o **romance**. Partindo do conceito de Gancho (2003), o **romance** é uma narrativa ficcional densa e mais desenvolvida, pois envolve um grande número de personagens, conflitos, tempo e espaço mais firmado, diferente do **conto**, cuja característica marcante é uma narrativa curta sem muito aprofundamento, tudo é muito condensado e reduzido.

Embora o termo possa remeter ao sentimentalismo abstrato, o romance é um gênero narrativo que não significa necessariamente o romantismo como expoente de afeto e sentimento. Pelo contrário é um dos gêneros mais conhecidos da

literatura manifestando a combinação de outros gêneros, possuindo ainda relação entre realidade e ficção.

De acordo com Santos (2017), o romance é um gênero distinto, pois possui uma complexidade de narrativa diferente dos demais textos narrativos e busca mostrar pela ficção a experiência humana. Dessa forma:

O romance apresenta uma síntese do mundo, um resumo fictício de acontecimentos reais. Quanto a sua estrutura, apresenta personagens vivenciando conflitos diversos. Possui um clímax e um desfecho em que são solucionados ou não os conflitos apresentados. Os diálogos nas falas das personagens servem para criar tensão, despertar emoções, permitem que essas personagens ganhem vida, dando ao leitor oportunidade de manter contato com os acontecimentos de uma cena, daí sua importância dentro do texto (SANTOS, 2017, p. 38).

O romance em suma, é um gênero elaborado em prosa, que possui uma história completa, com elementos narrativos bem caracterizados e aprofundados e que, mesmo criado da imaginação, parte da realidade, buscando não somente entreter o leitor, mas também passar uma mensagem ou entretenimento.

2.4 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO SENSO CRÍTICO

Muitas polêmicas, envolvendo manipulação da opinião pública, ganham destaque na segunda década do século XXI. Discussões sobre o uso de “fake News” ganham cada vez mais destaques, como o ocorrido em Setembro de 2018, na Universidade de Campinas - UNICAMP, que buscou respostas com especialistas sobre as influências desse fenômeno para a sociedade.

Essas discussões e questionamentos geram ainda mais debates sobre a necessidade de se ter um pensamento crítico na sociedade, uma vez que o próprio Parâmetro Curricular Nacional (2001), que fundamenta a Educação no Brasil, enfatiza essa característica como uma das fundamentais, sendo objetivo da escola desenvolver nos alunos essa habilidade.

Para Carraher (1986), o senso crítico é a “capacidade de analisar e discutir problemas inteligente e racionalmente, sem aceitar, de forma automática, suas próprias opiniões ou opiniões alheias.” Essa habilidade é algo que se desenvolve quando se coloca em prática o questionar, a reflexão e também a leitura. De uma

perspectiva geral, aplicar o pensamento crítico é introduzir a suspeita. O pensador crítico é aquele que não tira conclusões sem antes buscar averiguar conclusões ou suposições, pois reconhece a possibilidade do autoengano.

De acordo com Freitas e Almeida (2017), aplicar o conhecimento crítico é compreender que no mundo há várias “verdades” e que nem todas são benéficas como se apresentam. Portanto, buscar compreender uma “informação, um “fato”, ‘um discurso” é essencial para a vida em sociedade, pois interfere não somente no individual como no coletivo também, sendo o questionamento um dos primeiros passos para se chegar a um resultado, por isso, é importante incentivar à curiosidade e à interpretação em várias perspectivas do fato vivenciado.

Como já citado anteriormente, o senso crítico é estimulado principalmente por meio da leitura, pois é lendo que se adquirem conhecimentos e se desenvolve o raciocínio e a interpretação, assim como sugerem Arana e Klebis (2015); Krug (2015); Indursky e Zinn (1985), entre outros autores.

Durante uma leitura, o indivíduo contextualiza o texto lido com suas vivências e experiências, imprimindo significação de acordo com sua realidade, mas, mais do que isso, ela também amplia a sua percepção de mundo, desenvolvendo assim a capacidade de analisar a realidade na qual estão inseridas diversas perspectivas, podendo dessa forma, obter respostas para o que ocorre ao seu redor.

Acrescenta-se, entretanto, a existência de vários tipos de leitura que surgem de acordo com o interesse do sujeito. Para Cavalcante Filho (2011) tais leituras podem ser sintetizadas em leitura de higiene mental ou recreativa, leitura técnica, leitura de informação e leitura de estudo.

Cabe ressaltar que o tipo de leitura que nos interessa neste trabalho é àquela definida pelo autor como “tem como objetivo trazer satisfação á inteligência, a distração, o entretenimento, o lazer. É o caso da leitura de romances, revistas em quadrinho etc” (CAVALCANTE FILHO, 2011, p. 3).

Para Zilberman (2008, p.17) pela leitura literária, caracterizada pela definição dada pelo autor anterior, “o leitor tende a enriquecer graças ao seu consumo”, pois desenvolve a capacidade de lidar com situações reais ao vivenciar situações inusitadas pela ficção.

O que no dizer de Azevedo (2004), quando o leitor lê uma obra, ele iguala-se ao personagem que vivencia certa realidade, que pode ser ou não como a do leitor, nessa comunhão, “baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade

de interpretação” (AZEVEDO, 2004, p.2), o leitor toma para si a humanidade do grupo o qual participa como personagem e dela se beneficia.

Esse tipo de leitura provoca reflexão, não sendo uma leitura vazia de significação, pois como parte da interpretação de aspectos que envolvem a realidade, possibilita uma percepção crítica dos acontecimentos ao seu redor, uma vez que durante a leitura o leitor experimenta a realidade apresentada e vivenciada pelos personagens em diversas situações e essa experiência o ajuda na compreensão do mundo externo e interno (a si mesmo).

2.5 O GÊNERO DISTÓPICO

A ficção científica, popularmente conhecida como FC, ou *Science-fic*, é um tipo especial de ficção que se baseia na ciência e na tecnologia como componente, ou melhor, as suas interferências na sociedade. Então, falar em distopia é também falar em ficção científica.

Segundo os autores Piassi e Pietrocola (2009) esse tipo de ficção possui “uma racionalidade do tipo científica para produzir conjecturas sobre a realidade. Por meio da derivação ou variação, sua narrativa é pautada pela conjectura dentro dos limites da racionalidade lógico-causal” (2009, p.4).

A ficção científica expressa preocupações futurísticas com questões que influenciam a cultura e a sociedade e, usando o discurso científico, consegue debater ideias e expor as preocupações em torno de temas atuais relacionados ao avanço tecnológico e científico.

Contudo é importante frisar que a ficção científica tem interesse na relação que há não somente entre homem e ciência e tecnologia, como também entre o homem e universo (CUNHA, 1974). Portanto, a ficção científica ao se preocupar com o futuro da humanidade concebe um leque de possibilidades, e uma dessas perspectivas é a distopia, que é um dos subgêneros/ vertentes mais exploradas da ficção científica.

A distopia, antes de tudo, é um discurso que tem como meio de propagação não somente a literatura, mas outros setores da arte, como a música, *games* e o cinema também. Cabendo ressaltar que a distopia, ou antiutopia, mantém uma relação direta como a utopia que ultrapassa a formação etimológica, historiográfica e conceitual e, dependendo da perspectiva, podem ser a mesma coisa.

O termo utopia surgiu pela primeira vez quando Thomas Morus ao escrever sobre um lugar fantástico e perfeito batizou não somente esse lugar ideal com esse nome como também sua obra. Já o termo distopia foi usado pela primeira vez somente em 1868 (OLIVEIRA, 2014). A relação entre ambas é bastante tênue, pois Utopia e Distopia, cada uma de suas formas, apresentam preocupações com relação ao futuro.

O pensamento utópico e distópico surgiram da insatisfação com a realidade e ambas as perspectivas encaram o mundo de formas distintas, embora possuam relação de aproximação e distanciamento. A utopia propõe visão positiva e idealizada, a distopia, por outro, carrega a essência do negativo e do pessimismo.

Conforme Chauí (2008), etimologicamente, o termo utopia provém do grego “topos” que significa lugar, mais o prefixo “u”, que possui sentido de negação, portanto, utopia é o lugar que não existe, e que se tornou um amplo conceito usado não somente na literatura como também um ideal que conceitua algo que é bom demais para ser verdade, um pensamento otimista e um olhar esperançoso perante a existência.

Já o termo Distopia, que carrega também a partícula “topia”, é formada pelo prefixo “dis”, que de acordo com Schneider (2010), carrega uma essência negativa, de dificuldade e coisas ruins. Dessa forma, a distopia é uma palavra que é o inverso do sentimento utópico remetendo-se a lugar ruim para se viver.

Em se tratando da história do surgimento das narrativas distópicas, Marques e Pereira (2017) em seu trabalho intitulado “A justaposição do pós-humano e do transumano no gênero distopia”, com o objetivo de contribuir nos estudos do gênero, traçam o seu surgimento atrelado à ascensão do capitalismo, pois esse cenário possibilitou uma visão idealizada de sociedade, onde foi possível pensar em um futuro melhor e diferente do que se apresentava.

Ainda, de acordo com os autores mencionados anteriormente, as grandes navegações manifestaram na mente das pessoas dúvidas sobre haverem sociedades mais evoluídas além-mar. Dessa forma, os autores do período discutiam problemáticas do mundo no qual estavam inseridos mediante realidades idealizadas, um lugar melhor- a utopia.

Ate o surgimento do capitalismo, as condições de vida eram duras e árduas. Muitos eram acometidos de diversas doenças e morriam antes de chegar à idade adulta. A vida baseava em obedecer à nobreza e temer a Deus. As relações eram

estabelecidas em nome da sobrevivência. Não havia o que ser feito, pensado ou desejado, porque aquela organização não dava abertura para mudanças de perspectivas. Contudo, com o avanço de uma mentalidade mais racional e menos centrada na teologia, os indivíduos buscaram afrontar sua realidade e preocupar-se com questões que antes era impossível.

Com a mudança de perspectiva de vida advindo das transformações do novo sistema econômico e social, passou-se a refletir e questionar a condição humana de uma forma que antes era impossível. Assim, viu-se nas palavras um meio para assimilar e criticar a nova realidade social mediante as idealizações. Segundo Silva (2008):

Talvez nenhuma outra forma literária seja mais emblemática da relação sujeito e espaço do que a literatura de utopia. Presente na história da humanidade desde o Jardim do Éden, passando pelos Campos Elíseos gregos e chegando até o primeiro projeto político registrado do Ocidente com *A República*, de Platão, a utopia representa a inerente tentativa do homem em buscar ou criar um lugar perfeito para viver. Tanto em forma de idéias religiosas e filosóficas quanto de projetos literários e políticos, a persistência da imaginação utópica sugere que o ser humano anseia por um mundo perfeito que difira radicalmente do modelo imperfeito vivenciado diariamente (SILVA, 2008, p. 63).

Para o autor mencionado, a utopia representa uma visão positiva e sua perspectiva pode ser compreendida até mesmo como otimista ao apresentar aspectos idealizadores daquilo que se gostaria de se ter como sociedade. Dessa forma, percebe-se que a utopia mostra a busca do homem pelo mundo perfeito em detrimento daquilo que ele possui, logo, ele nega a sua realidade e anseia por algo melhor.

A utopia clássica não suscitava dar continuidade histórica, mas ser apresentada como uma brecha entre a história real e as projeções de um lugar feliz que não se apresentava espacialmente na história: um “não lugar”, diferente das distopias que se inserem no processo histórico ao mostrar tendências negativas que já ocorrem em determinada sociedade (BERRIEL, 2005).

A idealização de sociedades utópica objetivava superar o ideal instaurado, de forma que pudesse apresentar às várias possibilidades que não foram concretizadas pela humanidade, por isso, as sociedades sempre eram apresentadas em um cenário distante e distinto do lugar real, no qual o escritor estava inserido, ao contrário do universo distópico que presume tendências reais como ponto de partida.

Por isso, mais à frente com os horrores do holocausto na Segunda Guerra Mundial, as sociedades pararam de serem representadas como ideais e começaram a ser mostradas como opressoras, surgindo assim às primeiras distopias (MARQUES; PAREIRA, 2017). Diante das inúmeras provas relacionadas ao declínio da humanidade, e mais precisamente, ao declínio do pensamento utópico, a distopia surge como meio de criticar as tendências e valores humanos que estavam em decadência.

Inclusive, pode-se afirmar que:

enquanto as utopias propõem uma idealização para o bem, o gênero anti-utópico vem posicionar-se enquanto uma antítese do discurso utópico, algo como uma utopia negativa. As distopias mergulham na catarse das possibilidades de tragicidade e de fatalidade do ser humano, como crítica que quer expor através do grotesco, os perigos da realização, ou de uma sociedade orientada para a tentativa de uma materialização de certos ideais utópicos. Em geral contestam a utopia presente nos discursos políticos das sociedades totalitárias e autoritárias, criticando seus fundamentos e ideais de perfeição. Também critica certos valores das sociedades capitalistas, quais sejam: o discurso progressista da produção e do consumo bem como o deslumbramento ingênuo e alienante frente aos avanços tecnológicos sob o baluarte da "evolução" e da "melhora na qualidade de vida" (SILVA NETO; SILVA, 2010, p. 3).

Nas narrativas utópicas, as sociedades são sempre representadas como perfeitas, civilizadas e evoluídas. Como dito anteriormente, esses ideais surgiram justamente por causa do avanço tecnológico e científico, os quais em uma sociedade utópica tornam-se ferramentas que geram bem estar para todos, contudo com o passar o tempo e com as várias situações nas quais a ciência e a tecnologia foram usadas para oprimir outras sociedades, surgiu o receio de que essas ferramentas pudessem desembocar em um pesadelo.

A distopia, por outro lado, discute o homem pela essência negativa e apresenta sociedades ruins para se viver. São narrativas que criticam certos valores da sociedade, principalmente da capitalista. Ambientes conturbados em que a ciência e a tecnologia são ferramentas de manipulação, alienação e opressão.

Ainda, um ponto relevante acerca do fenômeno distópico diz respeito a sua ligação com a utopia. Para Berriel (2005) em toda utopia existe um elemento distópico, e vice versa.

[...] a distopia nasceu da utopia, e que ambas expressões são estreitamente ligadas. Há em toda utopia um elemento distópico, expresso ou tácito, e vice-versa. A utopia pode ser distópica se não forem compartilhados os pressupostos essenciais, ou utópica a distopia, se a deformação caricatural da realidade não for aceita. A distopia, que revela o medo da opressão totalizante, pode ser vista como o oposto especular da própria utopia (BERRIEL, 2005, p. 1).

Ou seja, a distopia pode surgir de um ideal utópico, uma vez que esta pressupõe uma harmonia que, para ser alcançada, implica que aquilo que é visto como ruim seja eliminado, entretanto nem sempre a nova organização atende a todos, de forma igualitária, como é o ideal, havendo assim a necessidade de haver a manutenção e estímulo para que a nova estrutura seja mantida.

Kopp (2011) em sua tese de Doutorado ao pesquisar sobre o surgimento e evolução da ficção distópica apresenta estudos que foram produzidos nos últimos anos objetivando definir a ficção distópica, ou melhor, caracteriza-la. Assim, ele delinea algumas dessas análises em sua Tese e apresenta Alexandra Aldridge (1984), Booker (1994), Russel Jacoby (2007) e Chad Walsh (1962).

O primeiro autor define a ficção distópica relacionadas a temas que envolvem a ciência e a tecnologia; O segundo autor citado considera a ficção distópica como crítica social; O terceiro considera que as distopias são formas de crítica aos governos vigentes; para o ultimo autor a distopia é ligada ao que se entendia por utopia, etc.

A partir das teorias apresentadas ao longo de sua tese, Kopp (2011) enfatiza que as distopias mostram de forma exagerada o que o escritor acredita que possa vir a acontecer, pois nela destaca-se aquilo que na sociedade do autor já existe, mas que pode vir a piorar com o tempo, e assim faz uma advertência intencional sobre o futuro, em que os participantes desse universo vivem em completo estado de manipulação e alienação.

Do mesmo modo, Barbosa (2017) acrescenta que a distopia surgiu como um alerta do que o futuro poderia vir a se tornar. Nas narrativas distópicas o futuro tornava se pior do que o presente, sendo comum que a tecnologia crescesse tanto ao passo de tornar-se banal. A tecnologia passou a ser vista como a felicidade de uma minoria que, usando dela, passava a alienar e a controlar a maioria.

De maneira similar, para Figueiredo (2009) as distopias surgiram como uma forma de criticar a sociedade e os ideais utópicos por meio da problematização de cenários conturbados e desiguais, onde ciência e a tecnologia são ferramentas de

manipulação e opressão. Mas, na maior parte das distopias, as pessoas não parecem estar insatisfeitas, pelo contrário mostram-se felizes, e há um esforço, seja do governo, grupo de pessoas ou instituição, de mantê-las alienadas, justificando-se pela necessidade de manter a paz e a ordem. Assim, qualquer pessoa que apresente riscos para o sistema é caçada e eliminada.

Sob o mesmo ponto de vista, Borges (2016) cita que a Distopia é:

O oposto de utopia, em que algumas das características que se seguem nesse gênero como a presença de um governo que usa as mídias para manipular a população, mostrando apenas aquilo que é conveniente, o uso do medo pra controlar as massas, sendo a tortura em publico um dos meios de controle (BORGES, 2016, p. 9).

Embora a distopia parta da premissa de uma sociedade bastante tecnológica, o elemento tecnológico não pode ser visto como único fator que caracteriza esse gênero, portanto, é necessário levar em conta as demais características quando necessário caracterizar uma obra. Ainda:

As distopias sempre possuem alguma relação com o nosso mundo e seus problemas. De fato, esta visão de perceptíveis deficiências do presente é projetada em um futuro imaginário ou em uma linha alternativa da história, tendo sido causada como consequência da ação ou falta de ação humana, de um mau comportamento ou da ignorância. A grande questão é o que constitui a face oculta, o não-dito utópico e que perpassa toda a história, todos os acontecimentos e é uma ameaça do coletivismo sobre as liberdades individuais, sociais e políticas (OLIVEIRA, 2014, p. 18).

A distopia é um fenômeno que parte da forma como o escritor percebe o funcionamento de sua sociedade, mais do que isso, abarca críticas sociais e problematização de temáticas polêmicas. Talvez sua maior característica definidora seja justamente a tendência em mostrar um futuro que, por um motivo que já é perceptível em seu mundo, mostra-se terrível.

Esse gênero parte de situações reais e perceptíveis ao escritor, o qual expõe pela literatura o medo dessas tendências tornarem se pior com o decorrer do tempo. E pode ser visto não somente como uma ferramenta de crítica social, mas também uma forma de apontar possibilidades futuras, aquilo que Hilário (2013) cita como "aviso de incêndio", ou seja, algo que "busca chamar a atenção para que o acontecimento perigoso seja controlado, e seus efeitos, embora já em curso, sejam inibidos" (HILÁRIO, 2013, p.202).

Essas criações conseguem tornar-se um pesadelo para quem ler, pois muitos aspectos descritos nos livros ainda persistem pelo tempo e podem ser vistas em outros momentos históricos, como é o caso das desigualdades sociais, do autoritarismo, da manipulação e exploração dos indivíduos.

Como esse gênero assume um viés realista, afinal trabalham com aquilo que de fato já existem na sociedade, mostra temáticas que persistem ao longo da história e podem ser vistos no próprio tempo o leitor, independente da época, por isso várias obras clássicas distópicas são discutidas como análise do contemporâneo e mais, apontam para possíveis cenários futuros.

Atualmente, os romances distópicos possuem grandes investimentos no mercado editorial, pois há uma crescente procura do gênero pelo jovem contemporâneo. Segundo Cangane (2018) em um artigo publicado na Revista Super Interessante, algumas das obras mais conhecidas desse gênero na atualidade, que também são conhecidos como Y.A(Young Adult), ou seja, livros mais voltados ao público jovem é a trilogia Jogos Vorazes de Collins, a série divergentes, A seleção, de Kiera Cass; A rainha vermelha de Victoria Aveyard, entre outros.

Ressalta-se que o romance distópico, de acordo com Benjamim (2019), do Homolitteratus, um site voltado essencialmente para a Literatura, ao descrever estruturas sociais mantidas por meio do controle da população, que se dá em nível social comportamental e até mental e também por meio de mecanismo de repressão, imprimem avisos ou sátiras que tentam mostrar como tendências sociais levadas ao extremo levam a sociedades ruins para se viver.

Portanto, a distopia é um gênero fictício de cunho alarmista, uma vertente da ficção científica que ao se preocupar com o futuro, mostra-se importante para compreender o homem e a sua sociedade. Algumas de suas características mais comuns é o aspecto negativo e opressivo de um universo caótico. Um lugar ou estado ruim de viver, mas que possui consistência o suficiente para manter uma estrutura desigual e alienante.

3 METODOLOGIA

3.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS GERAIS

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa e trata da análise literária de uma obra distópica com destaque para três elementos de sua narrativa: a temática, o assunto e a sua mensagem. De forma que articula conceitos em prol do desenvolvimento de novas ideias, o que está em conformidade quanto ao objetivo do estudo proposto, pois, trata-se de um estudo de cunho exploratório (ALMEIDA, 2014), que visa gerar mais conhecimentos sobre a distopia na literatura.

A abordagem é de cunho qualitativo, pois é conduzida “utilizando o enfoque indutivo na análise de dados e dando maior importância aos significados atribuídos pelas pessoas às coisas e à vida” (ALMEIDA, 2014, p. 26), ou seja, abrange conceitos que não podem ser interpretadas numericamente, contudo parte de uma abordagem que busca entender o fenômeno por um viés analítico, comparativo e interpretativo.

Quanto aos procedimentos, adotou-se a pesquisa bibliográfica, que é a do tipo mais comum em pesquisas acadêmicas, pois é aquela elaborada a partir de fontes já publicadas, seja em material impresso, ou outros tipos e fontes que surgiram com os novos formatos de informação. Este tipo de pesquisa auxilia na melhor compreensão do fenômeno estudado, pois permite conhecer o fenômeno de forma ampla ao direciona o pesquisador a autores, estudiosos e pesquisadores que já pesquisaram a temática abordada (GIL, 2017).

A pesquisa buscou compreender a distopia mediante descrição e análise desse fenômeno no livro “O Conto da Aia”. Portanto a metodologia adotada de pesquisa bibliográfica presumiu, primeiramente, o levantamento básico, realizada mediante material já publicado sobre Literatura e ficção distópica, principalmente de fontes disponíveis em formato eletrônico, como periódicos científicos, teses, dissertações, monografias, e posteriormente, após a análise e interpretação das informações apresentadas, o procedimento utilizado para a coleta e análise de dados deu-se mediante a análise do conteúdo da obra de ficção “O conto da Aia”, da escritora Canadense Margaret Atwood.

Antes de tudo, houve a definição da problemática e posterior revisão bibliográfica sobre o assunto de pesquisa. Depois, definiram-se os critérios que

guiassem a interpretação do romance de forma que fosse possível confronta a análise com a suposição adotada, chegando a uma conclusão.

Assim, foi identificada a distopia no "O conto da Aia" e também, apesar de haver inúmeras formas de analisar uma obra, fez-se uma análise interpretativa da narrativa, privilegiando somente três elementos: O tema, o assunto e a mensagem, os quais serviram como base para mostrar a sua atualidade e discutir a sua importância, estabelecendo também considerações sobre a relevância de ler e incentivar o contato com o gênero distópico.

3.1.2 Questões de análise do objeto de pesquisa

A análise do romance é pautada essencialmente no livro "Como Analisar Narrativas" (2003) de Cândida Vilares Gancho, pois se considera que a proposta de análise narrativa dessa autora atende aos requisitos e objetivos do trabalho proposto. Segundo a autora, o tema é a ideia do assunto tratado no texto, ou seja, é "idéia em torno da qual se desenvolve a história. Pode-se identificá-lo, pois corresponde a um substantivo (ou expressão substantiva) abstrato (a)" (p.23).

O assunto é a forma como a temática aparece disposta no texto, pois é a "a concretização do tema, isto é, como o tema aparece desenvolvido no enredo. Pode-se identificá-lo nos fatos da história e corresponde geralmente a um substantivo (ou expressão substantiva) Concreto (a)" (p. 23). A mensagem é aquilo que o texto busca repassar, podendo ser sintetizada em uma frase, pois a "Mensagem é um pensamento ou conclusão que se pode depreender da história lida ou ouvida" (p. 23).

O assunto é a história que se desenvolve a partir de uma ideia, a temática. De acordo com a perspectiva do escritor um mesmo tema pode ser trabalhado de variadas formas, e dependendo do autor, a sua narrativa levará também uma mensagem ou moral.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 A AUTORA, A OBRA E SEUS CONTEXTOS

Na biografia de Margaret Atwood, disponibilizado no site da autora¹, consta que ela nasceu em 18 de Novembro de 1939, na cidade de Ottawa, no Canadá. Ao longo de sua vida, residiu em mais de cinco países, entre eles França, Inglaterra e Alemanha. Também já exerceu função como professora e instrutora de Inglês.

A autora é graduada pela faculdade Victoria College da universidade de Toronto e obteve título de mestre no Radcliffe College. Seus trabalhos foram publicados em mais de quarenta países e já escreveu mais de cinquenta obras entre eles poesias, ficção, graphic novels e ensaios críticos.

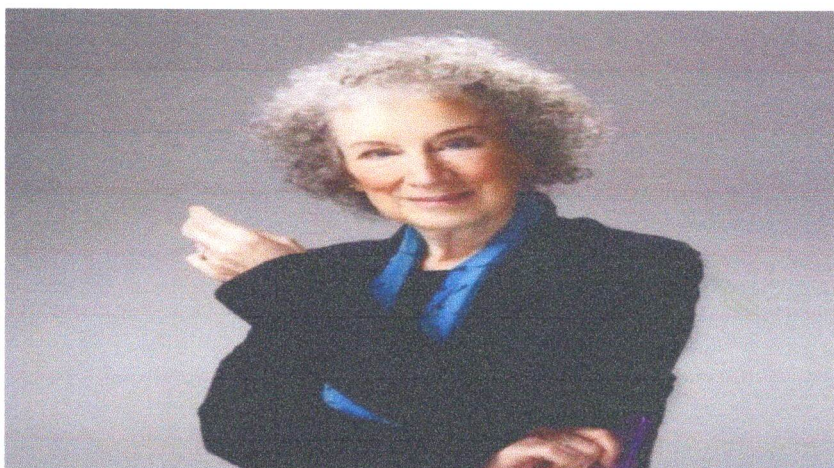


Figura 1 – Margaret Atwood. Fonte: Site britishcouncil (2019)

Seu ultimo romance “O Testamento”, continuação de seu aclamado romance “O conto da Aia” que foi adaptado para uma premiada serie, foi co-vencedor do prêmio 2019 Booker. Além disso, com sua obra “Olho de gato” foi finalista do Booker Prizer 1989, e sua obra “Alias Grace” ganhou o prêmio Giller no Canadá e prêmio Mondello na Itália.

“O conto da Aia” foi findado enquanto Atwood ainda residia em Berlim em meados de 1984, contudo a obra foi publicada pela primeira vez em 1985. A autora

¹Biografia Margaret Atwood disponibilizada no site: <http://margaretatwood.ca/bibliography/>. Acesso em 22 jan. 2020.

que nasceu em meio à Segunda Guerra Mundial cresceu em meio às tensões e desconfiças que esse período suscitou, e esse cenário influenciou a sua escrita.

O romance especula um futuro em que mulheres, após grupos religiosos conservadores alcançarem o poder, são divididas em grupos de acordo com papéis que desempenharão na nova organização social, onde o peso maior recai sobre aquelas que ainda são férteis, tornando-se assim, Aias, propriedade do estado, com função de gerar filhos para o alto escalão.

Atwood usou como regra usar bases históricas e acontecimentos tantos sociais como políticos. Dessa forma, tudo que escrevera de alguma forma partira de situações que já tinham sido realizadas em algum ponto da história humana. Para a autora, a narrativa não se trata de uma previsão, mas sim “uma antiprevisão: se este futuro puder ser descrito em detalhes, talvez não vá acontecer. Porém, também não podemos depender de tal quimera”.²

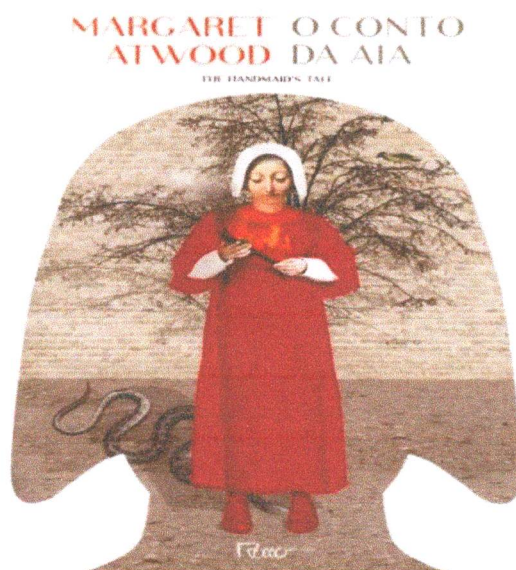


Figura 2 – Capa do livro O conto da Aia. Fonte: Portal Mdemulher (2019)

O livro reflete os Estados Unidos na década de 1980, o qual estava aderindo ao conservadorismo e o aumento da Direita Cristã. Havia preocupação com o meio ambiente e um forte Puritanismo americano contra as mulheres, o que coincidiu consecutivamente com retrocessos aos direitos reprodutivos da mulher,

² Atwood sobre o que significa o conto da aia na era Trump. O texto foi traduzido a partir de artigo do The New York Times, publicado em março de 2017. Disponível em: <https://www.rocco.com.br/blog/atwood-sobre-o-que-significa-o-conto-da-aia-na-era-trump/>. Acesso em: 22 jan. 2020.

principalmente no que tange a questão do aborto. Assim, explosões e incêndios contra clínicas de aborto eram comuns.³

No livro ainda é possível observar acontecimentos históricos que repercutiram-na narrativa, como o histórico da escravidão; execuções coletivas; queimas de livros comuns na Alemanha Nazista de Hitler; no rapto de crianças por militares na Ditadura Argentina; no Apartheid, entre outros.

De acordo com Jennifer Keishin Armstrong (2018), da BBC News com tradução da BBC Brasil, a obra é um alerta feminista que ganhou maior destaque com as mudanças no cenário político mundial com a eleição de Donald Trump, o qual com suas tendências autoritárias e posições homofóbicas e antiaborto trouxe o medo de que o que se apresentava em Gilead pudesse vir a se concretizar de fato.

De acordo com Zanezi (2018) o romance faz uma representação anti-utópica bastante verossímil da realidade, de forma que essa narrativa ficcional "pode ser muito mais denunciatória que discursos pretensamente diretos sobre o mundo em que vivemos até os dias de hoje", portanto quaisquer semelhanças não devem ser vistas como coincidências, mas um alerta. Essas semelhanças tratam-se do

Os usos do passado (principalmente bíblico, no caso) como forma de legitimar um sistema violento e autoritário conversam muito com a sociedade atual dos extremismos; o condicionamento da mulher a seu "papel" e "função social" de reprodução, a misoginia que se tornou "naturalizada" ao cotidiano; o vertiginoso crescimento das ideias autoritárias baseadas em valores pretensamente cristãos, da família, ordem social, progresso e busca por grupo enquanto inimigo universal (ZANEZI, 2018, p. 28).

As temáticas abordadas no livro possuem uma verossimilhança assustadora com a realidade, principalmente as relacionadas ao que uma mulher vive diariamente, pois mostra uma realidade persistente na contemporaneidade, como por exemplo, o fato de mulheres de o mundo todo sofrerem assédio, serem vítimas de abusos psicológicos ou físicos, alto grau de feminicídio, o preconceito, a discriminação e a intolerância.

O romance aborda questões que há 30 anos foram percebidos pela autora, contudo mesmo com o passar do tempo, essas questões seguiram firmes e continuam na atualidade. Aspecto possível, porque a matéria prima da distopia são

³ Por que a série *The Handmaid's Tale* é relevante para os dias de hoje. Texto traduzido de artigo da BBC Culture de Abril de 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-cul-44294676>. Acesso em: 22 jan. 2020.

ações e questões humanas que assustadoramente se perpetuam como manipulação, falta de empatia, opressão e totalitarismo.

4.2 O FENÔMENO DISTÓPICO NO ROMANCE "O CONTO DA AIA"

No universo de "O conto da Aia" identifica-se a distopia no próprio enredo da obra, uma vez que apresenta uma sociedade pensada em um hipotético futuro, a qual possui uma organização desigual, mantida por meio do controle da população, principalmente das mulheres, as quais são divididas em castas e controladas por um poder central.

Neste cenário, o totalitarismo e a manipulação aparecem na figura da república de Gilead, que surgiu após grupos conservadores religiosos chegarem ao poder, tornando o que um dia fora os Estados Unidos da América, um estado democrático, uma teocracia totalitária fundamentalista cristã, com uma organização desigual e molde patriarcal, fundamentado nas escrituras do velho testamento.

Esse tipo de governo trouxe como consequências a desigualdade e a divisão entre homens e mulheres, os quais possuem funções específicas, e de forma mais particularizada, a divisão das mulheres em grupos, em uma espécie de estrutura na qual os homens possuem poder e privilégios que a uma mulher não é permitido.

Embora não haja o uso de tecnologia ou mídias para manipulação da massa, Gilead possui um forte poder militarizado e vigilância constante usado para reprimir. Percebe-se que Gilead é o resultado de algo que vinha sendo estabelecido há anos, ou seja, a manipulação e a alienação das pessoas ocorreram de forma silenciosa, tendo como base tendências políticas atreladas ao puritanismo, ao conservadorismo, em suma, ao fundamentalismo cristão. E Gilead é o resultado das escolhas do caminho que a população escolheu trilhar.

A obediência ao sistema é assegurada não somente por causa da opressão, mas também pela religião, a qual foi o instrumento usado para a alienação e controle, pois por meio dela exalta-se a necessidade do governo, e assim ninguém questiona, pois seus motivos respaldam-se na leviandade dos tempos passados.

Gilead despontou após um ataque terrorista que, ao assassinar todo o congresso, não só fragilizou ainda mais a democracia como também deixou todos os cidadãos perplexos com o ocorrido e perdidos sem saber o que viria adiante, o que deu margem para o surgimento de um grupo que pregava a solução para os

problemas. Esse grupo chamado de Filhos de Jacó mostrava-se um caminho que reestabeleceria a ordem no país.

Contudo, aos poucos, e de forma silenciosa, foram impondo mudanças que, no início foram vistas como necessárias pela população, mas com o passar do tempo foram mostrando suas reais intenções. As pessoas trocaram sua liberdade pelo falso sentimento de proteção. Naquele período estava ocorrendo muita violência, principalmente contra o sexo feminino, então para o governo, a culpa do que estavam sofrendo era do estilo de vida que as pessoas estavam levando, sendo assim, era o dever deles pôr as coisas em seu lugar, a começar pelas mulheres.

É interessante citar que, em uma conversa entre a personagem Offred e seu comandante, tem-se a percepção de um homem sobre a desigualdade entre homens e mulheres na engenharia de Gilead, e nesse diálogo percebe-se o quanto essa divisão foi pensada justamente para a manutenção do privilégio masculino.

Naquele período, as mulheres já tinham alcançado muito espaço na sociedade e não eram mais dependentes deles. Então o homem sentia como se não tivesse mais nada a fazer, não sentiam mais prazer no sexo ou no casamento, porque não havia mais o que conquistar. Elas trabalhavam, pagavam suas contas e tinham liberdade sexual.

Segundo o comandante Fred⁴, as mulheres se sujeitavam a inúmeros procedimentos para conquistar e atrair homens, sem pudor, comportavam-se de forma provocante, faziam cirurgias para ficarem atraentes, e muitas eram infelizes, porque nem todas conseguiam, e assim tinham muita dificuldade para realizar seus destinos biológicos.

Além disso, o comandante Fred cita que, do jeito que as mulheres levavam suas vidas, as tornavam alvos de muita violência, portanto, da forma como Gilead foi organizada todas saíam ganhando, pois não somente estavam protegidas da leviandade dos tempos passados, que as faziam infelizes e alvo de morte e estupro, de abandono pelos maridos, os quais as largavam com os filhos sem responsabilidade alguma, e que, posteriormente, fariam serem desrespeitadas porque a maternidade não era motivo de orgulho; como também encorajadas e apoiadas a seguirem seus destinos como mulher.

⁴ O comandante Fred Waterford faz parte do alto escalão de Gilead. No livro é descrito como alguém de idade avançada e é também, o comandante de Offred, a Aia que narra sua trajetória no livro.

Ou seja, tudo se resumiu ao que seria bom, não necessariamente para a mulher, mas para o homem que, desta forma, pode voltar a ter o seu “poder” de mandar na mulher, como se cabesse a eles a decisão de como e de que forma uma mulher deveria viver. E isso pode ser observado nas palavras do comandante de Offred quando ele diz: “Pensamos que faríamos melhor” (p.251), posteriormente, o comandante fala que “melhor não significa melhor para todo mundo, diz ele. Sempre significa pior, para alguns” (p.251).

Neste trecho, percebe-se uma característica que mostra como o ideal utópico e o distópico se complementa e se opõe, pois Gilead surgiu de um ideal de sociedade perfeita, uma estrutura que beneficiaria a todos, mas que, na prática, mostrou-se falha e opressiva, principalmente às mulheres.

A organização estrutural da sociedade de Gilead é uma característica comum à distopia, pois se tem não somente o totalitarismo manifesto na centralização do poder, opressão e limitação da liberdade da população, como também há o controle da população por meio do medo, e a perda da subjetividade e individualidade e luta pela sobrevivência, manifestado principalmente na opressão das mulheres, na figura da Aia.

O poder totalitário, como já citado anteriormente, é uma das principais características distópicas presentes na obra, pois é por meio desse governo que as demais características distópicas surgem na trama. É importante citar que o primeiro grupo a sofrer impacto nesse estado é o das mulheres que concebidas por uma ótica funcionalista e patriarcal são vistas como propriedade do homem, privadas de qualquer tipo de independência e liberdade, tanto física quanto intelectual.

Mulheres, portanto perdem o direito de pensar, de ir e vir, ler, escrever e escolher o rumo de suas vidas, divididas em funções atreladas aquilo que se mostra, segundo a ótica patriarcal, o papel social da mulher: o de responsável pelas tarefas doméstica e dona do lar, recatada e submissa, esposa; e ligada à função reprodutiva.

Sobre este último elemento, surge a figura da Aia, que é uma referência a passagem da bíblia onde Sara vendo que não poderia ter filhos pede a sua Aia que se deite com seu marido, Jacó, para que assim seja fecundada e dessa forma ela, Sara, possa ser mãe. Portanto, uma Aia tem como responsabilidade produzir filhos para Gilead, vivendo em função de cumprir sua obrigação como uma espécie de

receptáculo, que a cada mês participa de uma cerimônia com o intuito de serem fecundadas pelo seu comandante.

Ao se tornar Aia, a mulher perde toda a sua subjetividade e individualidade, tendo seu nome suprimido, e passando a ser nomeada de acordo com o seu comandante, uma espécie de marcação que a identifica como pertencente, um objeto qualquer, ao homem a que fora designada, por meio da partícula "of" mais o sobrenome do comandante.

Compreende-se que o nome de uma pessoa é um direito e também uma indicação do ser como indivíduo na sociedade, ou seja, uma particularidade, algo próprio e individual. Como a Aia passa a ser uma propriedade do estado ela não é vista como um indivíduo, mas sim um objeto com o único intuito de procriar, portanto não tem o direito de continuar com o seu antigo nome, sendo nomeada de acordo com as casas as quais passa a ser transferida.

Há na obra a luta pela sobrevivência manifestada pela personagem Offred, que luta constantemente contra a imposição de Gilead de apagar a vida que um dia tivera. Para sobreviver ao ambiente hostil, mostra-se passiva ao regime, mas de forma silenciosa subverte o sistema, seja por meio de comportamentos furtivos que demonstram sua não aceitação ao regime, ou refugiando-se em suas lembranças, que se tornam sua obsessão e resistência.

A opressão das mulheres tem maior visibilidade na trama, contudo não é o único grupo a sofrer as consequências desse governo totalitário, homossexuais, pessoas de religiões distintas ou quem se opõe a ideologia de Gilead, também são perseguidos. Em Gilead vive-se em constante medo, o clima é hostil e não abre margens para resistência, pois o estado para manter a organização de sua estrutura social usa o medo ao seu favor. Execuções em público, fuzilamento e exposição de corpos no muro são formas de demonstração de poder, uma espécie de alerta silencioso para qualquer um que tente causar transtornos.

Por exemplo, pode-se citar as cerimônias de Salvamento (p.321), que ocorrem de distrito em distrito, e são específicos para mulheres, nessas situações todas, independente de seu grupo, participam do julgamento de mulheres que transgrediram de alguma forma e dependendo da gravidade são levadas a serem cúmplices, como no processo de enforcamento da culpada, pois todas são levadas a segurarem e puxarem a corda.

Depois os corpos são expostos pendurados com sacos brancos sobre as cabeças no muro para servirem de aviso. Geralmente as mulheres são acusadas por tentativa de fuga, adultério, falta de castidade, tentativa de assassinar o comandante, entre outros. Além disso, se forem pegas lendo são castigadas com a amputação de uma das mãos.

Há também uma cerimônia restrita somente às Aias, chamado de Particicução (p.327), uma espécie de concessão de liberdade às Aias para julgar um condenado. É um evento sangrento, onde as Aias podem fazer o que quiserem ao acusado. Na narrativa é descrito uma cena onde durante uma Particicução (p.327) é apresentado um homem que segundo as Tias cometeu crime de estupro a uma Aia grávida que veio a perder o bebê, portanto segundo as escrituras, sendo um crime que se paga com a morte, caberia às Aias fazerem justiça com as próprias mãos, contudo após o ocorrido é mostrado que aquele homem era só um preso político.

Na prática, o sistema de Gilead usa essas cerimônias por dois motivos: primeiro como uma forma de dar exemplos e colocar nas mãos das mulheres a cumplicidade das mortes, e em segundo lugar para dar a falsa ilusão de liberdade e justiça às Aias.

No caso da Particicução, pode-se ainda entender essa cerimônia como uma estratégia na qual as Aias ao serem levadas a fazer justiça com a própria mão colocam para fora toda a raiva e a frustração e assim, a nível psicológico, sentem-se se vingadas, como se tivessem feito algo bom.

De certa forma, invertem os papéis da Aia, que antes vítima, passa agora a papel de julgadora, cúmplice e pertencente ao sistema. A manipulação dá-se por meio dos manipuladores, na figura das Tias, que por meio de insinuações e narrativas bem apelativas, conseguem criar indignação coletiva e reação momentânea.

4.3 IMPORTÂNCIA DA OBRA. AFINAL, POR QUE LER DISTOPIAS?

O romance de Atwood vem se destacando no mundo literário ao lado de várias outras obras clássicas da literatura distópica, principalmente após a sua adaptação para o canal de streaming *Hulu em 2017* que se tornou um sucesso imediato, o qual facilitou a promoção de discussões sobre a relevância da obra.

Esse debate surge justamente da percepção do quão atemporal e verossímil a narrativa consegue ser aplicada à atualidade.

O livro foi publicado há mais de 30 anos e ainda continua bastante atual, assim como a maior parte das distopias clássicas, conseguindo maior destaque, porque vive-se em uma época de incertezas onde o autoritarismo e as opressões tomam formas sutis, principalmente contra as mulheres.

Embora possam ser percebidas várias **temáticas** inseridas na obra, o elemento central, a qual os outros temas estão sujeitos e vinculados, diz respeito à fragilidade da Democracia e elementos inerentes a ela como questões de Liberdade e Direitos Civis. Dessa forma, pode-se representar a temática nos seguinte seixos: Poder x Submissão; Opressão x Liberdade.

A temática concretiza-se na narrativa por meio do fortalecimento do fundamentalismo na política que levou a um regime teocrático e totalitário, no qual as mulheres foram um dos grupos mais prejudicados, embora não tenham sido o único grupo, pois houve além das mulheres perseguição a outras minorias, como homossexuais, pessoas de outras religiões, cientistas, indivíduos contrárias à forma de governo, entre outros.

A história é contada pela perspectiva de uma Aia que ao longo de sua narração vai apresentando a organização social de Gilead, e a sua nova vida enquanto Aia. Além disso, a personagem intercala flashbacks de sua vida antes de Gilead, expondo também a forma como Gilead surgiu. Assim, ao expor esse cenário, a narrativa veicula ficção e realidade, porque mostra tendências que ainda persistem ao longo do tempo e se aproxima do mundo contemporâneo na medida em que sua narrativa dialoga com temáticas bastante atuais, principalmente com relação aos Direitos das mulheres, como o direito reprodutivo, relacionado à questão do aborto, a liberdade sexual, a maternidade compulsória; e também temáticas como a homossexualidade, a intolerância religiosa, entre outros.

O grupo a que a personagem está inserida é uma das figuras mais emblemáticas do livro, pois em cima dela recai a maior parte das discussões e problematizações sobre a associação de religião e Direitos reprodutivos, e principalmente sobre questões de gênero, daí vem à inserção da obra como uma distopia feminista, embora segundo a autora em algumas entrevistas essa não tenha sido a sua real intenção.

O livro levanta muitas reflexões sobre fertilidade, maternidade e poder de decisão. Diante da narrativa, revela-se um cenário onde as guerras e estilo de vida moderno deixaram metade da população infértil e as poucas crianças que nasciam, acabavam morrendo. Havia o anseio pelo aumento da taxa de natalidade e o papel da Aia foi pensado para resolver esse problema.

A Aia é uma mulher, que ainda fértil, é educada para ser uma serva com o único intuito de engravidar para famílias bem abastadas de Gilead, tudo de forma legalizada e conforme o estado de Gilead. Na maior parte das vezes auxiliam as Martas em tarefas simples, como ir ao mercado para adquirir mantimentos, e vive da forma mais saudável possível indo ao médico todo mês para avaliação rotineira.

Em seu período fértil participa de um ritual que envolve a leitura da bíblia pelo comandante para todos os integrantes da casa, e posteriormente a cerimônia, na qual participam tanto o comandante quanto a sua esposa. Primeiro a esposa abriga a Aia entre suas pernas e segura em suas mãos, num gesto que simboliza a unicidade das duas, depois de forma direta a Aia é inseminada pelo seu comandante.

Um aspecto interessante é a forma, como as pessoas inseridas nesse universo veem a cerimônia. Para a "Aia", "Tampouco estupro descreve o ato: nada está acontecendo aqui que eu não tenha concordado formalmente em fazer" (ATWOOD, 2017, p.115), contudo como falar em escolhas quando você ou torna-se Aia ou é enviada para a morte nas Colônias. Percebe-se, na passagem, que faz parte da descrição do que ocorre durante a cerimônia, o descontentamento de Offred em estar participando daquilo. Ela refugia-se em suas memórias, como um narrador que vê tudo de fora, sem participar diretamente.

Para Nascimento (2018, p.44), "Atwood não se limita a mostrar o usual, ela nos faz refletir sobre outras formas de estupro".

O que está acontecendo neste quarto, sob o dossel argênteo de Serena Joy, não é excitante. Não tem nada a ver com paixão ou amor, ou romance ou qualquer daquelas outras noções com as quais costumávamos no empolgar. Não tem nada a ver com desejo sexual, pelo menos não para mim, e certamente não para Serena (ATWOOD, 2017, p. 115).

O estupro é normalizado e tolerável, pois é visto sob uma ótica que não abre margens para tal questionamento. Afinal, há uma escolha, e a "Aia" aceitou essa função "sagrada", que é reproduzir, um dom divino. Além disso, as Esposas

sentem-se incomodadas pela presença da Aia, pois acham que estas podem vir a roubar o seu marido, então na maior parte das vezes, a Aia também é oprimida pelas esposas de seu comandante, martas e econoesposas, que as veem não como vítimas, mas sim rivais que gostam de sua condição.

Além disso, o próprio sistema dá o poder às mulheres de subjugar umas as outras, uma marca presente não somente na relação Esposa/Marta *versus* Aia, como também nas relações das Tias *versus* Aia. As Tias preparam e educam a Aia para aceitarem suas condições de forma passiva, como uma boa serva alienada. Para elas a mulher é sempre a culpada, pois atacam o homem, como se pode observar no episódio onde Janine, uma das Aias ao falar sobre um estupro sofrido ainda na adolescência, culpabilizada pelas Tias, é obrigada a ouvir das demais Aias a sua culpa.

É Janine, contando como foi currada por uma gangue aos catorze anos e fez um aborto [...] Mas de quem foi a culpa?, diz tia Helena, levantando um dedo roliço. *Dela*, foi *dela*, foi *dela*, foi *dela*, entoamos em uníssono. *Quem* os seduziu? Tia Helena sorri radiante, satisfeita conosco. *Ela* seduziu. *Ela* seduziu. *Ela* seduziu (ATWOOD, 2017, p. 88).

Para as Tias as mulheres sofrem tais transgressões porque procuram e Deus as usa justamente para servir de lição as demais. Percebe-se que a figura da Aia simboliza a opressão e a violência a que as mulheres estão sujeitas no dia a dia, os quais se manifestam de variadas formas possíveis na sociedade, sendo na maior parte das vezes culpabilizadas por aquilo que sofrem. Por exemplo, em nossa sociedade ainda persiste a tendência de justificar as agressões sofridas por mulheres, seja em casos de assédio ou estupro, mediante levantamento de questionamentos sobre vestimentas ou comportamentos que possam ter dado abertura para as agressões.

Segundo A folha de São Paulo, casos de Femicídio crescem cada vez mais no Brasil e de acordo com as estatísticas do feminicídio o país teve crescimento de 7,2%, com crescimento expressivo em alguns estados. Em 2018 foram registrados 1222 casos e em 2019, 1310 mulheres mortas por violência doméstica Isso sem levar em conta os demais casos que possivelmente não foram enquadrados como tal e escondem o real numero de casos de feminicídio no país. Ainda, segundo o

Fórum Brasileiro de Segurança Pública, uma pesquisa feita em 2016, pelo Datafolha⁵, aponta que mais de um terço da população culpa a mulher pelo estupro.

Essa mentalidade é fundamentada por valores que colocam a mulher como subserviente ao homem, ou seja, alguém que não pode exercer sua sexualidade, a não ser que seja para a satisfação do homem, devendo sempre manter-se recatada para ser digna de respeito, dessa forma caso não siga essa imposição, o que possa vir a sofrer será culpa dela (PEIXOTO; NOBRE, 2015). Isso mostra a prevalência da cultura do machismo na sociedade que interfere diretamente na vida da mulher.

No livro, também é mostrado médicos que faziam aborto antes do novo regime sentenciados a morte. Trazendo essa discussão para a contemporaneidade, pode-se falar também na frieza das pessoas, que contra a legalização do aborto, sugerem que aqueles que fazem o procedimento merecem a morte.

Cada um tem um cartaz pendurado ao pescoço para mostrar por que foi executado: um desenho de um feto humano. Eles eram médicos, na época, no tempo de antes, quando coisas desse tipo eram legais [...] (ATWOOD, 2017, p. 45).

O aborto é condenado em muitos países. No Brasil, por exemplo, só é permitido em situações bastante específicas, e mesmo assim ainda há uma grande parcela da população que se mostra contrária a sua prática. Além disso, cresce cada vez mais o discurso punitivista e inflado de ódio contra aquelas que optam por interromper a gestação indesejada.

Frases como “Merecia morrer junto com o bebê” ou “Aborto bom é quando a mulher morrer junto” é bastante comum, principalmente nas redes sociais, em posts relacionados à descriminalização do aborto. Para essas pessoas, independente da situação, a mulher deve ter o filho, e caso não o queira que o dê para a adoção. Um dos argumentos utilizados é a de que existem muitas famílias que querem um filho, mas não podem ter. Esse aspecto dialoga com o “O Conto da Aia”, pois se percebe, em ambos os casos, a mulher como uma incubadora.

É interessante reiterar que a discussão sobre questões reprodutivas da mulher é alvo de muita tensão, porque há um controle da sociedade que se dá mediante imposição social. Em muitos casos a mulher é levada a engravidar, porque há uma imposição para ela cumpra essa função, seja porque pregam ser um dom

⁵ Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2016/09/um-terco-dos-brasileiros-pensam-que-a-culpa-do-estupro-e-das-mulheres.html>

divino ou porque é necessária para agradar o marido, em outras palavras, assim como no livro, a maternidade é empurrada para a mulher, aquilo que se denomina como sendo maternidade compulsória.

Em Gilead a Mulher não é dada uma escolha, se é fértil é enviada para um comandante de alto escalão para dar filhos a ele; se está fora da idade reprodutiva torna-se Tia, tutora das Aias, responsáveis por treiná-las; se não é fértil vira Marta; caso não consiga se habituar ao sistema de Gilead torna-se não mulher e, ou, é enviada para as colônias para morrer, ou é enviada para a casa de Jezabel, onde desempenhará função de diversão e entretenimento para os homens poderosos do sistema.

A fertilidade é o elemento central da divisão das mulheres. Tudo gira ao redor dela, como se o único papel de uma mulher fosse dar continuidade a espécie. O governo de Gilead é que legisla sobre o corpo e vida dela, indiferente aos desejos maternos da Aia ou das esposas dos comandantes. Ter filhos em Gilead representa status social, somente o alto escalão da sociedade, a princípio, pode ter uma Aia. Quando o bebê nasce ele passa a ser "propriedade" do comandante e de sua esposa e a Aia é negado qualquer laço afetivo com a criança sendo posteriormente enviada para um novo comandante.

Na narração, os *gays* são vistos como traidores do gênero sob a pena de morte, o que não ocorre somente dentro da ficção, pois homossexuais são assassinados todos os dias, unicamente por sua orientação sexual.

Há três novos corpos no Muro [...] Os outros dois têm cartazes púrpura pendurados ao redor do pescoço: Traição por Falsidade de Gênero. Seus corpos ainda estão vestidos com os uniformes dos Guardiões. Foram apanhados juntos, devem ter sido, mas onde? (ATWOOD, 2017, p. 55).

De acordo com Alfageme (2019), do jornal *El Pais*, morrer por ser gay ainda é comum em muitos países, seja de forma direta, com a aplicação de leis que punem com morte relações homossexuais, como ocorre em países como Arábia Saudita, Irã, Iêmen, Sudão, Afeganistão e Iraque ou de forma indireta, países onde não é crime, porém há uma cultura homofóbica que persegue as pessoas por sua orientação sexual.

Como se pode perceber o livro dialoga com assuntos que fazem parte do dia a dia das sociedades atuais, o que segundo Nascimento (2018) acontece porque o

que Atwood fez foi pegar o que já era visível na sociedade e colocar em um cenário pior. Ou seja, a autora apenas mostra aquilo que já existia e ainda existe, mas que passa despercebido no cotidiano.

No dia a dia é difícil ver esses aspectos, contudo por meio da ficção a névoa que mascara essa realidade cai e ao leitor é apresentado um mundo não tão diferente daquilo que ele já conhece, mas por causa de inúmeras situações ele não percebe. Assim, a história mesmo de forma exagerada consegue gerar incômodos ao mostrar um aspecto mais profundo de realidade que não seria possível conhecer se não fosse por meio da ficção, da arte literária.

Outro ponto relevante a ser discutido da narrativa é a passividade com que as mudanças foram aceitas. No trecho abaixo fica explícito que Gilead não surgiu do dia para noite, sua base já vinha sendo consolidada a um longo tempo.

Imagino que tenha sido assim que puderam fazer, da maneira como fizeram, tudo ao mesmo tempo de uma só tacada, sem que ninguém soubesse com antecedência.[...] Foi depois da catástrofe, quando mataram a tiros o presidente e metralharam o Congresso, e o exército declarou um estado de emergência. Na época, atribuíram a culpa aos fanáticos islâmicos. Mantenham a calma, diziam na televisão. Tudo está sob controle. [...] Foi então que suspenderam a Constituição. Disseram que seria temporário. Não houve sequer nenhum tumulto nas ruas. As pessoas ficavam em casa à noite, assistindo à televisão, em busca de alguma direção. Não havia nem um inimigo que se pudesse identificar. [...] (ATWOOD, 2017, p. 208).

Situações incomuns estavam ocorrendo ao redor, mas pouco ou nada se fazia para saber o que estava acontecendo. As pessoas estavam apáticas e acomodadas, como de costume. Então continuaram a ignorar os sinais do que estava por vir, e mesmo com mudanças mais significativas, como a tensão que pairava sobre todos, a censura de jornais, restrições sobre a liberdade de ir e vir, não houve obstáculos da população, pelo contrário, muitas ações engendradas foram vistos como “necessárias” para estabelecer a ordem da sociedade.

Todos estavam tão cansados da violência a que estavam sujeitos que, quando surgiu a possibilidade de melhora, acreditaram que tudo se resolveria da melhor forma possível, e sem impor obstáculo algum, continuaram a viver suas vidas sem buscar compreender os acontecimentos, refletir os fatos apresentados e, principalmente sem serem mais críticos de sua realidade, que quando acordaram para o que estava ocorrendo, já era tarde demais, e não havia mais nada que pudesse ser feito para reverter a situação.

Nesse aspecto, "a autora (por meio da narradora) chama a atenção do leitor para o perigo de não enxergar o que está acontecendo ao redor" (LIMA, 2017, p.16), ou seja, há uma espécie de alerta para os perigos que rondam a sociedade. Isso porque, a ausência do pensamento crítico favorece o desenvolvimento de modelos políticos ruins.

É importante frisar que a narrativa ficcional, mesmo existindo apenas no universo textual, se remete à realidade com maior ou menor verossimilhança, de forma que consegue vislumbrar uma realidade mais profunda e até mesmo torna-se profética, demonstrando a relação entre a ficção e realidade, como ocorre nas utopias, distopias e ficção científica (MESQUITA, 2003). Ainda, a literatura:

Pelo seu caráter de liberdade de discurso, de ação verbal ficcional, independente de qualquer objetivo pragmático, pode contribuir para desestabilizar "certezas" de sistemas que concorrem para a desumanização do homem, como a mecanização da vida, a tentativa de massificação das consciências; pode construir um espaço de resistência contra esses sistemas, desde que não caia nas ciladas ideológicas dos lugares-comuns de ideias abstratamente apregoadas, mas que na prática são constantemente traídos e negados (MESQUITA, 2003, p.15).

O livro é de certa forma um aviso que contribui para a reflexão do que nós como sociedade podemos estar caminhando, ou seja, apresenta um alerta sobre a potencial possibilidade de um futuro distópico real. Por isso é importante observar o que a ficção distópica quer mostrar e analisar esses alertas, garantindo assim, que o que possa vir a ocorrer no futuro não aconteça de fato.

Diante do exposto, depreende-se da leitura da obra, como **mensagem**, tendências radicais na política, geralmente atreladas ao fundamentalismo, desencadeiam sociedades perversas, onde o Poder e Religião levam a opressão e anulação de grupos marginalizados. Por isso, é necessário ser mais crítico, questionar ideias e manter-se em alerta á certas tendências na política.

Por isso, a leitura do livro é necessária, pois de forma acessível, individual e mental conscientiza sobre a necessidade dos indivíduos serem menos alienados e menos passivos de sua condição. Ainda, o livro deixa um alerta sobre os perigos da aproximação entre fundamentalismo e política, principalmente para as mulheres, as quais devem está sempre em vigilância sobre seus direitos, o que no falar de Beauvier, é o primeiro a ser questionado em uma crise.

Defende-se que esta leitura consiga surtir efeitos na concepção de mundo do leitor assim como Pavloski (2005) que em seu trabalho, buscando validar a atualidade de 1984 do escritor George Orwell, entende que “o leitor ao unir-se com a personagem torna-se um crítico não só do espaço ficcional, mas também de sua própria realidade” (PAVLOSKI, 2005, p.11).

O livro parte da interpretação de aspectos que envolvem a realidade, os quais são evidenciados de forma assustadora, a leitura ajuda não somente na percepção crítica dos acontecimentos e temáticas trabalhadas no enredo, como também tem a capacidade de fazer com que o leitor questione a previsibilidade de tais acontecimentos, pois a leitura literária, assim como os outros tipos de leitura, também possui competência de desenvolver o senso crítico.

A Literatura de ficção, embora não cumpra uma função pedagógica tem caráter formativo, ou seja, por meio de sua leitura, o leitor tem a possibilidade de conhecer pontos de vistas diferentes, universos distintos do que está acostumado e ao considerar as implicações do que foi lido e incorporá-lo à sua compreensão de mundo, tem uma maior referência de perspectivas.

Dessa forma, ao se deparar em situações, nas quais precisa saber se posicionar, tem repertório para questionar a validade de determinada verdade, e assim, poder levar ou não aquilo que ainda não foi fundamentado como válido, porque ele consegue introduzir a suspeita, que é essencial para o desenvolvimento humano, sendo a leitura a sua melhor forma de amadurecimento (CORTELLA, 2018).

Portanto, é importante incentivar a leitura dessa vertente, e até mesmo que seja trabalhado no Ensino Médio com a finalidade de encontrar equilíbrio entre realidade e ficção através da Literatura.

A Ficção distópica extrapola a esfera literária e desvenda o homem; sua leitura apresenta o potencial de levar o jovem a pensar além do óbvio, do superficial; instiga-o a analisar o panorama social, incita respostas e pode provocar novos questionamentos, posto que o limiar entre fictício e real é sutil, quando se observa o atual cenário sociopolítico mundial, e o poder que o protesto e a revolução têm na transformação de uma sociedade fragilizada, sobretudo pelas mãos do jovem, elemento tão presente e forte nas distopias do século XXI (LIRA; SANTOS, 2017, p. 14).

A leitura distópica é bastante benéfica, sendo prazerosa pela sua dinamicidade, ao passo que suas temáticas polêmicas desenvolvem o senso crítico

ao promover reflexão, questionamentos e conscientização social, portanto, importante para a formação do indivíduo como leitor e como cidadão.

Considerando-se que a análise de uma distopia tem potencial de fazer com que o estudante relacione àquilo que está sendo lido com temáticas atuais e reflita sobre questões referentes à sociedade, estimulando seu pensamento crítico, aponta-se a ficção distópica como um potencial recurso em sala de aula (MORAES; AIRES; GOES, 2018). Além disso, como a ficção distópica parte de preceitos compartilhados por todos, que é o medo do futuro, as distopias podem ser usadas para formação de leitores ao instigar a curiosidade.

Por isso, faz-se necessária a sua visibilização tanto no meio educacional como social. A literatura distópica ao criar novas alternativas, perspectivas e realidades coloca o indivíduo para pensar nos incômodos que essas leituras fazem no sentir, o qual surge justamente do quão real e atemporal a visão ficcional de um futuro fracassado se mostra. Assim, pode-se aprender mais sobre a sociedade, política, temores e medos, os quais todos estão sujeitos.

Por fim, considera-se que, conceber a leitura distópica como ferramenta de reflexão, estímulo de curiosidade e desenvolvimento do senso crítico não é demais, pois o ato de ler já traz a ideia de formação crítica e a literatura distópica, como se pode perceber por meio da análise do “O Conto da Aia”, é bastante relevante por tratar de críticas sociais e temáticas polêmicas que estimulam o senso crítico ao ensinar a não subestimar as escolhas, o futuro das sociedades e até que ponto a ficção pode concretizar-se.

5 CONCLUSÃO

Existem muitos tipos de leituras, cada uma com objetivos específicos, contudo a leitura literária, focada na ficção, ainda é subestimada. Por isso, desde o princípio, esta monografia focou em questões relacionadas à Literatura, gênero literário, passando pela importância da leitura literária e, principalmente a distopia na literatura, de forma que promovesse informações sobre a importância da literatura e relevância do gênero distópico, facilitando a compreensão do leitor que não está acostumado com Literatura.

Ao tratar desta temática considerou-se, assim como os autores citados ao longo do trabalho, mostrar como a literatura de cunho ficcional tem o mesmo potencial das demais leituras para a formação do indivíduo, principalmente no que se refere ao desenvolvimento do pensamento crítico. Essas leituras não possuem caráter educativo, tampouco função pedagógica, mas são necessárias, benéficas, válidas e essenciais para a formação humana.

Diante da análise do livro foi possível identificar o fenômeno distópico na narrativa e também mostrar as suas temáticas problematizadas, constatando a verossimilhança com o cotidiano, principalmente com relação a questões relacionadas à mulher e também aspectos envolvendo a política. Como política, refere-se à forma que a sociedade se organiza e de como as relações de poder se engendram nessa estrutura.

Independente do tipo de obra distópica, seja de cunho fantástico ou especulativo, a relação negativa que se apresenta entre indivíduo e sociedade são comuns em toda distopia, ou seja, características como o pessimismo, a preocupação com o que esperar do futuro da sociedade e as críticas sociais apresentadas de forma assustadora e exageradas são características elementares compartilhadas por todas.

Ainda, as temáticas do gênero distópico costumam ser atemporais e verossímeis com a realidade, por isso aponta-se que, embora se tenha analisado somente uma obra distópica, esse gênero é uma ferramenta instigante que faz pensar, refletir, logo relevante e necessário o incentivo ao seu contato.

Embora seja pouco comentado, no Brasil, cada vez mais se revelam produções distópicas como os livros "Não verás país nenhum", do escritor Ignácio de Loyola Brandão; "A torre acima do véu", da escritora Roberta Splinder; "A ilha dos

dissidentes”, escrito por Bárbara Morais. No cinema, “Bacuaru”, lançado em 2019, e o seriado 3%, produzido pela Netflix.

Acredita-se que a distopia deveria ter um maior destaque, principalmente dentro da sala de aula nas aulas de Literatura, pois são ótimas ferramentas para se fazer pensar, questionar e refletir as condições humanas na sociedade. Suas temáticas, como por exemplo, as comentadas no livro de Atwood, são bons indícios para se discutir, problematizar e formar cidadãos mais críticos, cabendo ao professor à orientação e engajamento dos estudantes.

Pode-se partir da premissa do medo e das dúvidas referentes às incertezas da vida e do quão pior podem-se tornar as sociedades futuramente para instigar a curiosidade dos estudantes e fazê-los perceber o quanto é frágil às condições humanas, para isso o professor pode orientar os educandos ao reconhecimento na obra dos aspectos presentes na atualidade, e assim, construir uma atmosfera de troca de conhecimento e questionamentos.

REFERÊNCIAS

ALFAGEME, Ana. Morrer por ser gay: o mapa-múndi da homofobia. **Jornal El país**, Brasília, 22 mar. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/19/internacional/1553026147_774690.html. Acesso em: 22 dez. 2019.

ALMEIDA, Mario de Souza. **Elaboração de projeto, Tcc, dissertação e tese: Uma abordagem simples, prática e objetiva**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2014.

ARANA, Alba Regina de Azevedo; Augusta Boa Sorte Oliveira. **A importância do incentivo à leitura para o processo de formação do aluno**. In: Anais EDUCERE - XII Congresso Nacional de Educação em Curitiba, 2015. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17264_7813. Acesso em: 03 mar. 2019.

ARMSTRONG, Jennifer Keishin. Por que a série The Handmaid's Tale é relevante para os dias de hoje. **BBC Brasil**, 16 fev. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-cul-44294676>. Acesso em: 22 dez. 2019.

ATWOOD, Margaret Eleanor. **O conto da Aia**. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

ATWOOD SOBRE O QUE SIGNIFICA O CONTO DA AIA NA ERA TRUMP. Texto tradução de artigo do The New York Times, Março de 2017. Disponível em: <https://www.rocco.com.br/blog/atwood-sobre-o-que-significa-o-conto-da-aia-na-era-trump/>. Aceso em: 22 jan. 2020.

AZEVEDO, Ricardo. **Formação de leitores e razões para a Literatura**. In: SOUZA, Renata Junqueira de. (org.) Caminhos para a formação do leitor. São Paulo, DCL, 2004.

BARBOSA, Anna Carolina. **O espaço, o humano e o espetáculo na distopia pós-moderna de jogos vorazes** (dissertação de mestrado). São Joao Del-rei: Universidade federal de São João Del-rei-UFSJ. Curso de pós-graduação em Letras, 2017.

BENJAMIM, André. 5 Grandes Romances Distópicos. **Homoliteratus**, 2019. Disponível em: <https://homoliteratus.com/5-grandes-romances-distopicos>. Acesso em: 01 jul. 2019.

BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. **Utopia, distopia e história**. In: Editorial da MORUS – Utopia e Renascimento. 2, Campinas, 2005, p. 4-10.

BETIM, Felipe. Professora de inglês sofre processo disciplinar por falar sobre feminismo em cidade berço do MBL. **Jornal El país**, São Paulo, 17 fev. 2020. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2020-02-17/professora-de-ingles-sofre-processo-disciplinar-por-falar-sobre-feminismo-em-cidade-berco-do-mbl.html>. Acesso em: 20 fev. 2020.

BIOGRAFIA DE ATWOOD. Disponível em: <http://margaretatwood.ca/bibliography/>. Acesso em: 22 jan. 2020.

BORGES, Bruna dos Santos. **O panótipo na distopia: uma análise comparativa de 1984 e jogos vorazes** (TCC). Salvador: Universidade Federal de Brasília, Bacharelado em Letras, 2016.

BRAGON, Ranier; MATOSO, Camila. Feminicídio cresce no Brasil e explode em alguns estados. **Folha de S. Paulo**, Brasília, 22 fev. 2020. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/02/feminicidio-cresce-no-brasil-e-explode-em-alguns-estados.shtml. Acesso em: 22 fev. 2020.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. 3º ed. Brasília: A secretaria, 2001.

CANDIDO. Antônio. **A literatura e a formação do homem**. Revista IEL Unicamp. 2012. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/viewFile/3560/3007>. Acesso em 13 ago. 2019.

CANGANE, Letícia. 8 distopias que não são jogos vorazes ou 1984. **Super Abril**, 2018. Disponível em <https://super.abril.com.br/blog/turma-do-fundao/8-distopias-que-nao-sao-jogos-vorazes-ou-1984/>. Acesso em: 01 jul 2019.

CAPA DO LIVRO "O CONTO DA AIA". **Portal Mdemulher**, 2019. Disponível em: <https://mdemulher.abril.com.br/cultura/the-handmaids-tale-o-conto-da-aia-margaret-atwood/>. Acesso em: 02 jan. 2020.

CARRAHER, David William. **Senso Crítico: do dia-a-dia às ciências humanas**. São Paulo: Pioneira, 1983.

CAVALCANTE FILHO, Urbano. **Estratégias de leitura e interpretação de textos na universidade: da decodificação à leitura crítica**. Cadernos do CNLF, vol.XV, nº5, t.2. Rio de Janeiro :CiFEFiL, 2011. p.1721-1728.

CHAUÍ, Marilena. **Notas sobre utopia**. Cienc. Cult. vol.60 no. spe1 São Paulo, July 2008. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252008000500003. Acesso em: 01 jul. 2019.

CORTELLA, Mario Sergio. **Mario Sergio Cortella e o pensamento crítico**. Jornalismo Tv cultura, 2018. (1m52s). Disponível em: <https://www.facebook.com/jornalismotvcultura/videos/1603308583082657/?app=fbl>. Acesso em: 01 jul. 2019.

CUNHA, Fausto. **A ficção científica no Brasil**. São Paulo: Summus Editorial. 1974.

FIGUEIREDO, Carolina D. **Da Utopia à Distopia: Política e Liberdade**. Recife: Revista Online e Linguística Eutomia, 2009. Disponível em: <http://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/1821>. Acesso em: 20 fev. 2019.

FREITAS, Allana; ALMEIDA, Tayana. A formação do senso crítico na sociedade atual. **Site o consoante**, 2017. Disponível em: <http://oconsoante.com.br/2017/04/26/a-formacao-do-senso-critico-na-so>. Acesso em: 10 maio. 2019.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 7ªed. São Paulo: Ática, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ªed.Sao Paulo: Atlas, 2017.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. **Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade**. Anuário de Literatura, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 201-215, out. 2013. ISSN 2175-7917. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18n2p201>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

IMAGEM DA AUTORA MARGARET-ATWOOD. **Site britishcouncil**. Disponível em: <https://literature.britishcouncil.org/writer/margaret-atwood>. Acesso em: 02 jan.2020.

INDURSKY, Freda; ZINN, Maria Alice Kauer. **Leitura como Suporte para a Produção Textual**. In: Trabalhos em Linguística Aplicada, 5/6. Campinas: UNICAMP-IEL, 1985. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639033/6629>. Acesso em: 03 mar. 2019.

KEMPISKA, Olga Guerizoli; SOUZA, Roberto Acízelo Quelha de. **Teoria da Literatura I**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2012.

KOPP, Rudinei. **Comunicação e mídia na literatura distópica de meados do século 20: Zamiatin, Huxley, Orwell, Vonnegut e Bradbury**. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, RS, 2011. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/4473/1/433625>. Acesso em: 10 mar. 2019.

KRUG, Flavia Susana. **A importância da leitura na formação do leitor**. REI–Revista de educação do IDEAU, v. 10, n. 22, p.141-148, 2015. Disponível em: https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/277_1. Acesso em: 03 mar. 2019.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. 10ªed. São Paulo: Ática, 2002.

LIMA, Paula Bastos. **A representação da mulher em o conto da aia: A influência da cultura patriarcal na percepção da mulher**, 2017. Monografia- Universidade de Brasília/instituto de Letras: Departamento de teoria literária e literaturas, Brasília, 2017.

LIRA, Thaise Gomes; SANTOS, Luciane Alves. **A torre acima do véu: representação da distopia no insólito ficcional brasileiro**. Revista Odisseia,

Natal, RN, v.2, n.2, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/12585/8927>. Acesso em: 10 mar. 2019.

LITERATURA, in: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio século XXI escolar: o minidicionário da língua portuguesa*. 4.º ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MARQUES, Eduardo Marks de; PAREIRA, Ânderson Martins. **A justaposição do pós-humano e do transumano no gênero distopia: uma análise das trilógias Divergente e A 5ª Onda. Ilha Desterro**, Florianópolis, v. 70, n. 2, p. 119-127. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8026.2017v70n2p119>. Acesso em: 05 jul. 2019.

MESQUITA, Samira Nahid de. **O enredo**. São Paulo: Ática, 2003.

MORAES, Isabelle de Oliveira; AIRES, Rafaela Magalhães; GÓES, Andréa Carla de Souza. **Distopias e a construção do pensamento crítico: uma sequência didática interdisciplinar baseada na obra 1984**. In: VI Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia - SINECT, 27, 28, 29 e 30 de novembro de 2018, Ponta Grossa - PR. Anais (online). SINECT, 2018. Disponível em: <http://www.sinect.com.br/2018/selecionados.php>. Acesso em: 22 dez. 2019.

NASCIMENTO, Gabriela Esmeraldino. **O conto da aia pelo olhar do direito**, 2018. Trabalho de conclusão de curso— Faculdade de direito do Centro universitário Curitiba, Curitiba: 2018. Disponível em: <https://www.unicuritiba.edu.br/images/tcc/2018/dir/GABRIELA-ESMERALDINO-NASCIMENTO>. Acesso em: 20 out. 2019.

OLIVIERA, Terezinha de Assis. **Linguagem e memória em Fahrenheit 451 e 1984**. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2014.

PIASSI, Luís Paulo ; PIETROCOLA, Maurício. **Ficção científica e ensino de ciências: para além do método de 'encontrar erros em filmes**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.35, n.3, p. 525-540, set./dez. 2009.

PAVLOSKI, Evanir. **1984: A distopia do indivíduo sob controle**. Dissertação de Mestrado. Curitiba: Universidade federal do Paraná-UFPR. Curso de pós-graduação em Letras, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788577982189>. Acesso em: 10 mar. 2019.

PEIXOTO, A. F.; NOBRE, B. P. R. **A responsabilização da mulher vítima de estupro**. Revista Transgressões, v. 3, n. 1, p. 227-239, 27 maio 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/transgressoes/article/view/7203>. Acesso em: 26 out. 2019.

ROSA, Kaio Gabriel da Silveira. **Isso é Fantasia ou Aventura? Gêneros Literários e Afins. Site Ficcionados**, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://www.ficcionados.com.br/artigo/generos-literarios-e-afins/>. Acesso em: 26 out. 2019.

ROSENFELD, Anatol. **Estrutura e problemas da obra literária**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ROSENFELD, Anatol. **O teatro épico**. 4ªed. São Paulo: Editora perspectiva, 2002.

SANTOS, Cláudia Fabiana. **A importância do gênero romance para a formação de leitores na escola**. Dissertação de Mestrado. Montes Claros-MG: Programa de Pós-graduação mestrado profissional em Letras, UNIMONTES, 2017

SCHNEIDER, Luizane. **A semântica dos prefixos de- e dis- para as palavras de base**. Cascavel-PR Unioeste, 2010. Disponível em: http://cac.php.unioeste.br/eventos/iisnel/CD_IISnell/pages/simposios/simposio01/aseanticadosprefixosde-edis-paraaspalavrasdebase. Acesso em: 12 de maio. 2019.

SILVA, Alexander Meireles. **O admirável mundo novo da república velha: o nascimento da ficção científica brasileira no começo do século XX**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Literatura, UFRJ, 2008.

SILVA NETO, João Gomes; SILVA, Ana Luiza Gonçalves. **Transdisciplinaridade e teoria geral da administração: uma aula diferente**. Revista Borges. Vol. 01, n. 01, 2010. Disponível em: <http://www.revistaborges.com.br/index.php/borges/article/viewFile/13/21>. Acesso em: 17 fev. 2020.

SOUZA, Juliana; COSTANTINO, Fernanda; FERREIRA, Emmanoel. **Futuros presentes: a ficção distópica como reflexo do cotidiano**. Rizoma, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 1, p. 136-150, jan. 2018. ISSN 2318-406X. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/9791>. Acesso em: 17 fev. 2020.

TAVARES, Hênio Ultimo da Cunha. **Teoria literária**. 12ªed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia: 2002.

UM TERÇO DOS BRASILEIROS PENSA QUE A CULPA DO ESTUPRO É DAS MULHERES. **Globo News**, 21 set. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-nova/noticia/2016/09/um-terco-dos-brasileiros-pensam-que-a-culpa-do-estupro-e-das-mulheres.html>. Acesso em: 20 fev. 2020.

WOJCIEKOWSKI, Mauricio Moraes. **Utopia/Distopia e discurso totalitário: Uma análise comparativo-discursivo entre admirável mundo novo de Huxley, e A república de Platão**. (Dissertação). Porto Alegre, 2009. Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/17521>. Acesso em: 10 mar. 2019.

ZANEZI, J. O conto da Aia, de Margaret Atwood (1985): Antiutopia, ovários e uma história social do tempo. **Epígrafe**, v. 6, n. 6, p. 305-334, 29 nov. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2318-8855.v6i6p305-334>. Acesso em: 10 dez. 2019.

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola**. Revista Via Atlântica, nº 14, 2008.